

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

FOLK-LORE LANHOZENSE

1

Já foram estrellas d'ouro
Os olhos da minha amada,
Agora não são estrellas
Não são olhos não são nada.

2

Os teus olhos são meus olhos
Tu és a minha doudice;
Roubaram-me os teus affectos
Quero-te bem já t'o disse.

3

Os meus olhos coitadinhos
Namorados são dos teus,
Se é crime ter amores,
Criminozos são os meus.

4

Amo uns olhos negros negros
Tão negros como guiné,
Por serem tão requeitados
Eu n'elles não tenho fê.

5

Quero um recado menina
E mais não é de costura,
Quero-lhe só perguntar
Se o mal d'amores tem cura.

6

O mal d'amores tem cura,
Males d'Amor cura tem,
Que eu já tive mal de amores
E não m'os curou ninguém.

7

Dava-te o meu coração
Se o pudesse arrancar,
Se o arranço sei que morro
Morta não posso amar.

8

Fiz excessos por amar-te
Outro fim te mereceu,
Fui é certo, desgraçado
Mas que culpa tenho eu.

9

Para mim ha só uns olhos
Em que eu sei acreditar
Quer n'um sorriso me fallem,
Quer em prantos a chorar.

10

Estes olhos que eu mais amo
Nos que tenho devoção,
Meu thesouro, minha vida,

São negros como carvão.

11

Roubei-te um beijo, não digas
A ninguem que sou ladrão,
Foi somente um beijo d'Alma
Que eu guardo no coração.

12

Fui em frente d'um juiz
E fallei-lhe d'esta sorte:
—Se é crime ter amores
Então mereço a morte.

13

Se os beijinhos espigassem
Como espiga o alicerim,
A cara das raparigas
Era um perfeito jardim.

14

Tu eras a pura esperança
Das flores castas do céu,
Hoje quebras-te o encanto
Nas lagrimas d'um Adeus!

15

Nas veias o sangue esfroia
O coração não descansa,
Apenas trago á lembrança
A minha antiga alegria.

16

Calca aos pés a hypocrisia
Conserva amor om teu peito,
E' crime ser insensível
Ter amor não é defeito.

17

Lindo joven, meu amor
Mui breve corre a estação,
Antes, pois, que tarde seja
Presta ao amor teu coração.

18

Do amor os doces grilhões
Já cravados em meu peito,
Fazem-me beijar sujeito
Dous formosos corações.

19

Meu amor se não te amo
Seja um onte sem ventura
As ondas do mar revolto
Sejam minha sepultura.

20

Esqueceste te o amor jurado
Ao mais terno coração,
Deixas-te-o ao abandono,
Na mais negra solidão.

21
De dia vejo os teus olhos
Alegremente a sorrir
A' noite vejo-te em sonhos
Que me não podem mentir.

22
Conheceu a ingratidão
O meu peito amargurado,
E que soffresse calado
Disse-lhe o meu coração.

23
Do meu rival um sorriso
O teu amor esqueceu,
D'esdo então me abandonaste,
Mas que culpa tenho eu.

24
Cazada nunca eu fora,
Solteira duzentos annos;
Casada cheia de filhos
Solteira cheia de enganos.

25
Seu soubesse que voando
Alcançava o que desejo,
Mandava fazer as azas
Que as penas são de sobejo.

26
Vonho hoje de Coimbra
De aprender a cerurgião,
Para sangrar as meninas
Nas veias do coração.

27
As tuas ingratidões
Sei que sempre soffrerei,
Mas os meus dias penosos
Em breve os acabarei.

28
A Venus pediu esmola
Um dia, a um pobre ancião,
Mas a deusa respondeu-lhe:
Tenha paciência irmão.

29
Isto não é avaréza,
Nem falta de caridade,
E' que n'esta confraria
Só se attende á mocidade.

30
Eu nunca poude encontrar
Firmeza n'uma mulher,
Não me canso mais por ellas,
Tenha amores quem quizer.

31
Eu detesto o teu amor
Bem no podes conhecer,
Es... feia, não tens encantos
Cem que me possas prender.

32
Eu vim ao mundo chorando,
A chorar hei-de viver,

Quando deixar de chorar
Estou prestes a morrer.
33
Quando vejo um caranguoiço
Caminhando em sancta paz,
Julgo ver minha ventura
Que só anda para traz.

34
Costurei-me a rir das Bellas
Por ser o que ellas merecem,
E ainda me fica riso
P'ra mais mulheres que ouvessem.

35
Tens morena um máu costume
Que muito me faz penar:—
E' tu fugires da porta
Quando eu vou a chegar.

36
Eu se da porta me tiro,
Não será por não gostar,
Será, sim, p'ra que o mundo,
Nunca tenha que fallar.

37
Se as lagrimas fossem pedras
Como as que tenho chorado
Mandava fazer castellos
No meio do mar salgado.

38
A' porta do meu amor
JÁ se joga a laranginha,
Eu conheço o meu amor
Pelo nó da gravatinha.

39
Meu amor se te não amo,
Um passo não chegou a dar,
A mesma terra que piso
Me não chegou a sepultar.

40
Quem tiver olhos azues
Faça o favor de m'os dar,
Olhos azues são constantés
São difficéis de encontrar.

41
Alegres cantam as aves
N'esses viçosos raminhos
Só o meu coração suspira
Cercado de mil espinhos.

42
Para encontrar um remedio
Do amor na cruenta guerra,
Não ha mais que por do meio
Muito tempo e muita terra.

43
Quem se ajoelha a teus pés
Como que vem confessar
Se tivesse outros amores
Não te vinha procurar.

44

Apalpei o lado esquerdo
E não achei o meu coração,
De repente me lembrou
Que estava na tua mão.

45

Quem me dera ser retroz,
Ou linha da mesma côr
Para andar junto a teu peito
Servindo de atacador.

46

Fui aos pés do confessor
Ordenou-me que te esqueça
Tem decerto o padre cura
Desarranjo na cabeça.

47

Inda hontem 'stive ouvindo
Num leilão a apregoar
As jurs que a mulher faz,
Mas ninguem as quiz comprar.

48

Eu andei de cova em cova
Com cuidado perguntando:
Onde encontrarei mulher
Que tenha morrido amando.

49

De tantas campas apenas
Escutei de dentro d'uma:
—Homens encontro aos mil
Mulheres não encontras uma.

50

Lembras-te quando disseste
Em certa conversação,
Que os montes se mudariam
Mas tuas palavras não!

51

O que do novo succedeu
Não foi novo para mim,
Os montes não se mudaram
Mas as tuas fallas sim.

52

Quem quizer comprar procure,
Que em leilão se arremata,
O meu pobre coração
Que m'o roubou uma ingrata.

53

De roda d'aquella arvore,
Que de gente anda na lucta,
Alguns por causa da sombra,
Outros por causa da fructa.

54

A' conquista d'uma praça
Contente me dirigia
Mas dei defronte com outro
A assentar a bateria.

55

A mulher é como a cereja
O mesmo cuidado quer,
Se a tempo não são colhidas

Nem cerejas nem mulher.

56

Queria antes ver-te morta
N'um coche á porta da rua
Do que no volver do tempo,
Ver outro chamar-te sua.

57

Assim ficavas vivendo
No coração do Teu Bem
E já que de mim não foras
Não eras de mais ninguem.

58

A primavera nascendo
Sem uma flor para abrir,
Coitada, vae uma esmola
De porta em porta a pedir.

59

Tem tu dó do pobresinho
E da-lhe prenda tão rara;
O botão que tens na bocca
As rosas que tens na cara.

60

Mandas-te-me perguntar
Se ainda te quero bom,
Eu mandei-te responder;
—Isso que duvida tem.

61

O' estrella luz ingrata
Secretario do meu peito
Dá remedio a meus males
Que eu morro por teu respeito.

62

Eu escrevi a Cupido
E mandei-lhe perguntar
Se o coração offendido
E' obrigado amar.

63

Cravo roxo é sentimento
Eu bem sentido estou
Meu coração não me manda
Querer a quem me deixou.

64

Quem do meu peito saiu
Grande delicto causou
Não venhas com fallas doces
Que quem saiu não entrou.

65

Eu já fui o teu amor
Agora já o não sou
Se ainda te voto os olhos
Foi geito que me ficou.

66

Eu já fui o teu Amor
No tempo da primavera;
Já te servi de fastio
Quem o teu alliyio era.

67

Nossos corações nasceram

Para um do outro ser,
Ninguém tente separal-os
Porque é vel-os morrer.

68

Eu hei-de mandar fazer
Um castello com dous muros
Para fechar os teus olhos
E ainda os não dou por seguros.

60

Dõnde vaes ó pensamento
Torna atraz que vaes errado
Não vás dar as tuas fallas
A quem te traz enganado.

70

Cazae-me meu pae cazae-me,
—Minha filha, não tens roupa,
Casae-me meu pae casae-me
Que uma perna tapa a outra.

71

Todo o homem com dinheiro
Tem amores com fartura,
Porem se chega a ser pobre
Nenhuma mais o procura.

72

São horas de ver-te, são?
E vaes a passeio?—vou
Ainda tens medo?—Não
E das-me o teu braço? Dou.

73

O amor è um tal segredo
De tão diverso sentir
Que a ninguem até agora
Inda o pode definir.

74

E' tristeza e alegria
E' magua praser e Dôr,
Amor não è outra cousa,
E amor e somente amor.

75

Das tuas, mudanças tantas
Nem sequer me lembro já
Que eu pago por tal mudança
Com um desprezo, vê lá.

76

Uma pena só me resta
E com olla me definho,
As tuas traições esqueço
Mas não esqueço o teu carinho.

77

No cemiterio passei
Nem sei que me lá levou.
—Uma voz ouvi dizer
Por tua cauza aqui estou.

78

Logo que entraste na igreja
Mais caridade lhe deste,
Era um tapete de flores
O logar onde estiveste.

79

Fui um dia ao cemiterio
Sahi a chorar de dô,
Uma voz ouvi dizer:
Não me deixes ficar só.

80

Uma filha perguntava
A mãe com certo fervor;
—Que vem a ser uma cousa
Por todos chamada Amor.

81

Emquanto não rompe a aurora
Aqui me ponho a cantar,
Para ver se posso alguma
Das trez irmas alcançar.

82

A mais nova 'inda é pequena
A maior passa da idade,
Porisso, quero a do meio
Se for da sua vontade.

83

Triguieirinha engraçada
Assim se quer a mulher,
Delgadinha da cintura
Como o rabo da colher.

84

O meu capote redondo
Solteiro te eide eu romper
O meu amor è pequeno
Hei-de deixal-o crescer.

85

O' irmã das açucenas
Porque me não vens fallar
Se as estrellas te adoram
Tambem te eu ei-de adorar.

86

A mulher pediu a Deus
Tres couzas para agradecer:
Boa perna, bom cabelo
Lindos olhos para amar.

87

As velhas são maravilhas
Quem as deitara n'um poço,
As moças novas são joias
Quem nas trouxera ao pescoço

88

Tu chamas-te-me morena,
Bem no sei, mas tenho força,
Tambem a pimenta é negra
E mais vende-se na praça.

89

Rapariga tu és varia
Reprime o meu pensamento
Olhe que o Amor de homem
Dura muito pouco tempo.

(Continúa)